

Guerra Líderes ocidentais veem escalada de Moscou como ato de desespero e UE avalia novas sanções

Putin ameaça ataque nuclear na Ucrânia e convoca reservistas

Agências internacionais, de Kiev, Nova York e Gdansk (Polônia)

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, ordenou ontem a primeira mobilização de guerra desde a Segunda Guerra Mundial, chocando muitos cidadãos russos com o que foi descrito pelos países ocidentais como ato de desespero diante de uma guerra perdida.

Putin fez o anúncio em discurso transmitido em cadeia nacional pela TV, no qual divulgou também medidas para anexar faixas do território ucraniano e ameaçou usar armas nucleares para defender a Rússia, declarando: "Não é blefe".

Sem apresentar provas, Putin acusou autoridades de países-membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan, aliança militar ocidental) de ameaçar usar armas nucleares contra a Rússia. Segundo ele, esses países deveriam saber que "o catarro pode se voltar na direção deles". A Rússia "também possui vários meios de destruição", acrescentou. "Se a integridade territorial do nosso país for ameaçada, certamente usaremos todos os meios de que dispomos para proteger a Rússia e o nosso povo."

O anúncio fez o principal índice de ações da Rússia, o Moex, cair

3,8% ontem, enquanto o rublo tocou a mínima em dois meses.

Em Nova York, em discurso na Assembleia Geral da ONU, o presidente dos EUA, Joe Biden, reagiu à escalada de Putin chamando de "imprudente" e "irresponsável" as ameaças que fez de uso de armas nucleares. Ele também voltou a acusar a Rússia de iniciar uma guerra não provocada.

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelenskiy, disse em Kiev considerar pouco provável que Putin use armas nucleares, mas que a própria ameaça mostra por que é vital lhe opor resistência. "Amanhã Putin poderá dizer: 'Além da Ucrânia queremos também parte da Polônia, senão usaremos armas nucleares'. Não podemos fazer esses acordos", disse Zelenskiy em entrevista ao jornal alemão "Bild".

O premiê da Alemanha, Olaf Scholz, qualificou a mobilização russa de "um ato de desespero". "A Rússia não pode ganhar essa guerra criminosa. Putin aposta agora em nova escalada militar e só está piorando as coisas", disse aos jornalistas em Nova York.

O chefe de política externa da União Europeia, Josep Borrell, disse que a afirmação de Putin era uma ameaça implícita de uso de

armas nucleares e que os ministros de Relações Exteriores do bloco em Nova York discutiriam a adoção de novas sanções. Os ministros precisavam discutir "essas ameaças para reiterar o apoio à Ucrânia e alertar a comunidade internacional sobre a situação inaceitável que Putin está colocando a todos nós", disse.

A convocação de reservistas é talvez a medida política mais arriscada no plano interno já tomada por Putin em seus 20 anos no poder, depois de meses nos quais o Kremlin prometeu que não faria isso. Até agora a guerra pareceu ter apoio popular, em um país onde a mídia independente foi silenciada e toda crítica pública à "operação militar especial" é proibida.

Mas, para muitos russos comuns, principalmente das classes médias urbanas, a perspectiva de ser mandado para o campo de batalha será o primeiro sinal de que a guerra os afeta pessoalmente.

Apesar das duras leis contra protestos ao governo, milhares de pessoas saíram às ruas na noite de ontem em diversas cidades para manifestar sua rejeição à convocação de reservistas.

O anúncio de Putin ocorre após semanas nas quais as forças russas de invasão sofreram um duro revés no nordeste e sul da Ucrânia.

Para fugir da guerra, russos lotam voos para o exterior

Agências internacionais

Jovens russos correram ontem para comprar passagens para fora do país, depois de o presidente Vladimir Putin ter anunciado uma mobilização parcial de reservistas para a guerra na Ucrânia.

Os voos lotaram rapidamente e os preços das passagens internacionais dispararam, aparentemente impulsionados por temores de que as fronteiras da Rússia possam ser fechadas em breve ou de que uma convocação mais ampla possa enviar muitos russos em idade de combate para as linhas de frente da guerra.

As passagens de Moscou para Belgrado para os próximos dias se esgotaram rapidamente. Esses voos são operados pela Air Serbia, a única transportadora europeia além da Turkish Airlines a manter linhas para a Rússia, apesar do embargo da União Europeia.

O ministro da Defesa, Sergei Shoigu, disse em uma entrevista que 300 mil reservistas com experiência em combate e serviço seriam mobilizados inicialmente. Fontes independentes russas chegaram a informar que Moscou proibiria a saída do país de homens em idade militar, a notícia não foi confirmada oficialmente.

Guerra nuclear não pode ser vencida e não deve ser travada, diz Biden na ONU

Agências internacionais

Condenando as ameaças de Moscou de intensificar as ações na Ucrânia, o presidente dos EUA, Joe Biden, afirmou ontem que "uma guerra nuclear não pode ser vencida e não deve nunca ser travada".

Em discurso na Assembleia Geral da ONU, Biden fez algumas das mais duras críticas ao presidente russo, Vladimir Putin, e cobrou da comunidade internacional medidas enérgicas contra a Rússia, qualificando o conflito como uma guerra entre "a democracia e a autocracia".

"Mais uma vez, estamos vendo Putin fazer ameaças nucleares abertas contra a Europa, em um imprudente desrespeito de seus compromissos de não proliferação", disse Biden. No domingo, em entrevista, o presidente americano insinuou que seu país poderia entrar numa guerra direta se a Rússia usasse armas não convencionais — químicas ou nucleares — contra a Ucrânia ou seus parceiros europeus.

"As palavras de Putin antes da guerra já deixavam claros seus motivos ao dizer que a Ucrânia foi criada pela Rússia e nunca foi um país", disse Biden. "Esta é uma guerra pela qual alguém quer impedir a existência da Ucrânia co-

mo um país e proibir a população do país de viver com um povo. E onde quer que você viva, isso deveria te assustar", discursou.

Biden disse que o esforço de Putin para realizar referendos "falsos e vergonhosos" em território ocupados — cujos planos foram anunciados pela Rússia na véspera — é uma "violação extremamente descarada" da Carta da ONU.

Durante o discurso, Biden também defendeu a ampliação do Conselho de Segurança da ONU, que tem como membros permanentes EUA, França, Reino Unido, China e Rússia — que têm poder de veto sobre as resoluções. Brasil, Japão, Alemanha e Índia são os principais aspirantes a um posto permanente no organismo.

"Membros do Conselho de Segurança devem defender a ONU e deixar de usar o poder de veto, a não ser em situações extraordinárias para garantir a credibilidade do conselho", disse. "Devemos aumentar o número de membros permanentes e não permanentes no conselho", afirmou.

Biden afirmou ainda que os EUA "não permitirão que o Irã desenvolva armas nucleares" e voltou a mencionar o compromisso de Washington com a defesa e a segurança de Taiwan — ameaçadas pela China.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Internacional **Página:** 15